

Natal Viva: Relações e disputas entre agentes culturais e agentes políticos a partir da Cidade Alta para e sobre o Centro Histórico¹

João Vitor Holanda Martins (PPGAS/UFRN-Brasil)²

Palavras-chave: Antropologia Urbana; Cidade Alta; Agentes Culturais.

A cidade e nossas afetações

Certamente a cidade nos afeta das mais variadas formas e jeitos, e nós, inseridos em sua dinâmica e em meio às nossas rotinas tentamos afetá-la, cada um à sua maneira. O dia a dia e o “atravessar a cidade” nos possibilita inúmeras experiências que nos trazem novas sensações e interpretações sobre esse lugar, assim os centros urbanos são palcos de transformações, de circulação do comércio, do tráfego de carros e trânsito de pessoas, lugares de interação e construção de sociabilidades. Numa cidade como Natal dividida pelo rio Potengi, onde o atravessar a(s) ponte(s) todos os dias se faz necessário para quem é da zona norte e precisa realizar suas atividades e tarefas. Seja no trabalho ou na universidade, faz com que a gente reflita constantemente sobre o lugar que vivemos e os caminhos que fazemos, as relações que construímos e como a geografia separa tanto quanto as classes sociais, na verdade, ela evidencia essas e muitas outras questões. Para Silva (2019) o lugar de onde nós viemos nos propicia a forma como enxergamos a cidade, e por eu ser uma pessoa que mora “depois da ponte” as questões que envolvem a cidade sempre me atravessaram e fizeram buscar entender e problematizar esse lugar onde vivo.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



imagem 1: zonas administrativas de Natal, na cor laranja a zona norte, cortando a cidade, o Rio Potengi em encontro com o mar. Fonte: Encontra RN

Assim como nos diz Park (1967, p.25) “a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana”. Nesse contexto a cidade me afetou, o rio me afetou, o percorrer lugares de ônibus me afetou, mas em específico, um lugar me afetou, o centro histórico de Natal, ou melhor a Cidade Alta, então passei a compreender a cidade como esse campo de relações e criação de identidades onde se dão uma série de processos. Como pontua Silva (2019) “O que a cidade nos enuncia é o que nos leva a outros lugares, é o que nos movimenta dentro de uma cidade”.

Passei a me movimentar e frequentar, num processo de deambulação (Careri, 2017) essa parte da cidade para estudar, fazer compras, passear, mas também para fazer shows e apresentações, quando ainda na adolescência comecei a me envolver com música e a realização de pequenos eventos, o que mais a frente eu viria a entender como produção cultural, esses foram outros elementos que fizeram eu me aproximar do centro histórico. A Cidade Alta e Ribeira³ se tornaram locais que foram incorporados a minha rotina e minhas caminhadas que ora se davam pelo cotidiano no centro agora se tornam também umas das minhas ferramentas de pesquisa para analisar esse lugar, então penso, apoiado em Careri

³ A Cidade Alta e a Ribeira são os bairros onde nasce Natal. As pessoas residentes na Cidade Alta eram reconhecidas como “Xarias” e as da Ribeira como “Canguleiros”, nomeações referentes aos tipos de peixes consumidos em cada lugar, mas também a identificação dos grupos residentes em cada bairro. Atualmente essas localidades compõem o “centro histórico” com espaços de cultura e arquitetura histórica. Em minha pesquisa pretendo limitar meu campo a região da Cidade Alta. Para saber mais, conferir: <https://fatosefotosdenatalantiga.com/praiade-areia-preta/> Acessado em: 05/04/2024.

(2017, p. 79) “a deambulação como metodologia de pesquisa e de didática; a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares”. Toda essa relação construída a partir das minhas vivências e trajetões me fizeram chegar até aqui neste trabalho que é parte da minha pesquisa.

A Cidade Alta que tanto me afeta se torna agora meu campo de estudo, numa tentativa de afetá-la a partir de uma pesquisa que nos ajude a compreender esse lugar, suas questões e problemáticas como também as pessoas que a frequentam. Entendo que essa região é repleta de questões, mas parto de um campo específico para analisar o centro histórico, da cultura (ou produção cultural), sendo assim meus interlocutores são os agentes culturais que produzem e trabalham nessa região, pois este trabalho trata-se também de uma descrição etnográfica desse agente que pensa, se relaciona e disputa a Cidade Alta. Mas que lugar é esse que ora o chamo de Cidade Alta, ora o chamo de centro histórico? A Cidade Alta é marcada por duas atmosferas distintas que se entrecruzam e se relacionam, durante o dia: comércio, compras, carros e ônibus, já a noite: lojas fechadas e o ir para casa após um dia de trabalho. Enquanto isso bares, boates e festas no Beco da Lama⁴ e adjacências se abrem a um novo público que passa a ocupar este lugar.

Nesse contexto se forma uma espécie de “itinerário cultural” nas noites do centro da cidade a partir dos pontos de cultura e lazer existentes no bairro, entre eles temos o bar “Zé Reeira” na avenida Rio Branco, o Bardallos na Rua Gonçalves Lêdo, a Estação do Cordel (ponto de cultura) e Discol (loja de Cd’s e vinis e que atualmente vem realizando festas), ambos na rua João Pessoa, o Beco da Lama com a diversidade de bares que existem por lá, entre eles, um de grande destaque, o bar da Meladinha, também temos o bar de Nazaré, na rua Coronel Cascudo, onde todas as quintas-feiras acontecem o “Quinta que te quero samba”, onde músicos locais fazem uma roda de samba, também o Backstage, bar voltado para bandas de Rock, na esquina do Beco da Lama com a rua Ulisses Caldas, mais recentemente surgiu a Casa Vermelha, na rua Princesa Isabel, espaço político cultural administrado juntamente aos mandatos da Vereadora Brisa Brachi e da Deputada Estadual Isolda Dantas, que conta com atividades artísticas associada às questões que permeiam a Cidade Alta, entre outros espaços culturais que possibilitam uma gama de possibilidades de

⁴ O “Beco da lama” ou apenas “beco” é uma viela na Cidade Alta conhecida pelo seu aspecto cultural, nela se concentram bares, acontecem rodas de pagode, samba e festas alternativas. O nome surge quando no início da cidade era nessa rua onde as lavadeiras lavavam as roupas com a lama das peças percorrendo até o final da rua, posteriormente com a abertura de bares se tornou um lugar da boemia natalense. Para saber mais: <https://www.sem assunto.com.br/post/conhe%C3%A7a-o-beco-da-lama-em-natal-rn>. <acesso em: 10/07/2024>

lazer e cultura. Os lugares e ruas citadas (no texto e mapa abaixo) estão nas adjacências do Beco da Lama, assim esse itinerário cultural está localizado em torno desse lugar que tem características próprias enquanto centro histórico de Natal.

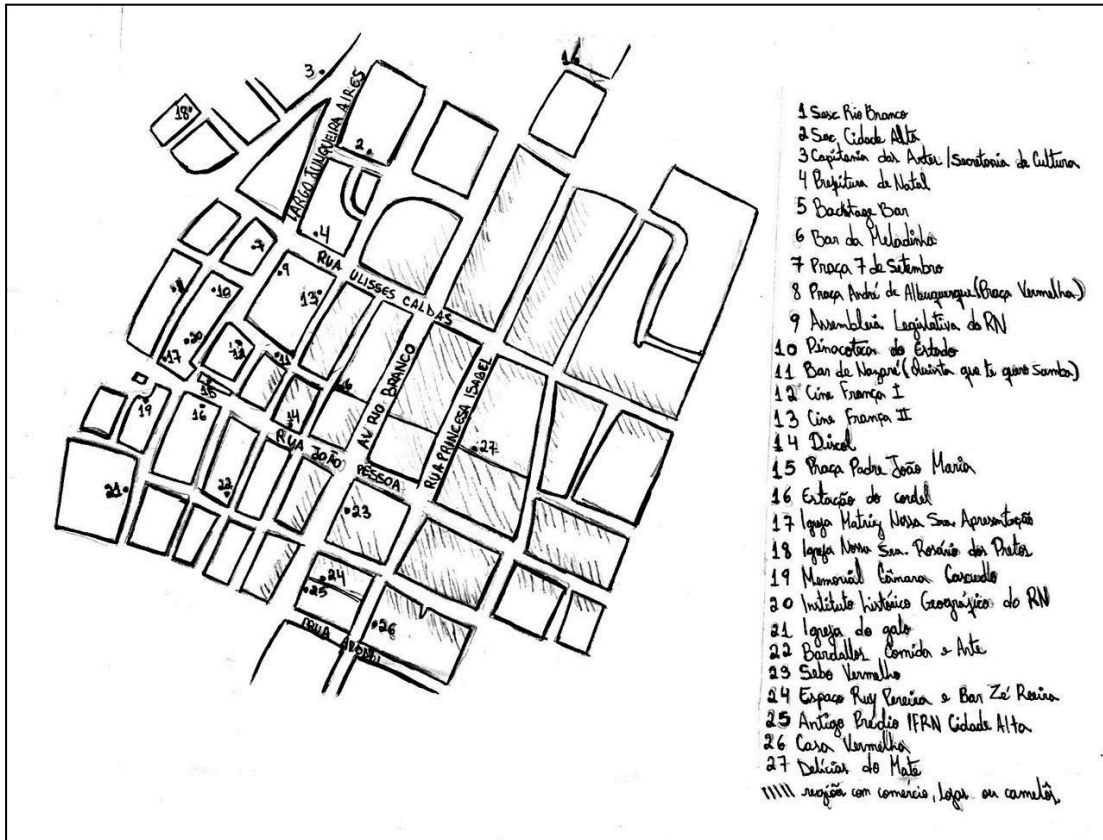


Imagem 1: Mapa da parte central onde temos a maior parte do comércio da Cidade Alta e os espaços culturais mencionados no texto, na imagem foram adicionados outros pontos além das zonas comerciais com lojas.

Fonte: Google Maps. Desenho, fotografia e edição por: João Vitor Holanda

Outras questões atravessam a Cidade Alta e reforçam imaginários sobre ela, atualmente o bairro sofre com o esvaziamento do comércio na região, onde pouco a pouco as lojas vem fechando ou sendo transferidas para outros lugares de Natal. Cada vez mais as placas de “Aluga-se”⁵ tomam conta da paisagem, outro ponto é a falta de transporte público, problema atenuado durante a pandemia de covid-19⁶, o que torna a locomoção em Natal e o

⁵ Durante o mestrado, na disciplina de “Patrimônio e Memória”, realizei como trabalho final um filme ou como gosto de chamar “experimento etnográfico” chamado “Aluga-se” onde problematizo o esvaziamento do comércio na Cidade Alta, para conferir este trabalho, acessar: <https://drive.google.com/file/d/1MyDD5psrgJJ8GtngVg1kTlQ1Ps9Uyerh/view?usp=sharing>

⁶ Sobre a retirada de linhas do transporte coletivo e direito à cidade em Natal, ver: <https://saibamais.jor.br/2022/05/empresarios-retiram-mais-duas-linhas-de-onibus-de-circulacao-em-natal/>. Acesso em: 08/05/2024

acesso a Cidade Alta cada vez mais difícil, essa situação piora nos horários noturnos tornando cada vez mais inviável frequentar os espaços de cultura e lazer da Cidade Alta sem voltar para casa através de carros de aplicativo ou veículo próprio. Essas problemáticas endossam uma percepção da Cidade Alta enquanto um lugar que “morreu”, que está em decadência ou em “ruínas”, mas como bem pontua Triana (2018, p. 11) “De alguma maneira, então, ruína é também mudança, é a transformação de algo que foi e que já não é, e sua presença provoca outros afetos que outrora não provocava”, assim esses mesmos lugares que mencionei anteriormente permanecem em atividade, alguns deles a décadas, com atividades culturais, shows, músicas, performance, discotecagens, samba, entre outras expressões artísticas, modificando o espaço da Cidade Alta, e resistindo a esse movimento de saída do bairro, através dessas ruínas, ou mesmo com essas ruínas, o que provoca nossas relações com o centro histórico e nos apresenta a possibilidade de enxergar essa região por uma ótica de “vida”.

Agentes culturais, suas atividades e o trabalho cultural

Se temos uma movimentação de espaços culturais na Cidade Alta, temos também agentes culturais que trabalham, produzem e se articulam neste lugar, para este lugar e a partir deste lugar e sobre/com eles quero discutir para conhecer melhor o centro histórico e suas ações, mas antes continuar essa discussão é preciso esclarecer o que entendo por “agente cultural”⁷. Todo e toda artista que tenha uma relação de criatividade e produção de arte pode ser considerado um agente cultural, uma pessoa que trabalha com artesanato, música, fotografia, pintura entre outras produções artísticas, seja para venda, circulação ou preservação. Também entendo como agente cultural o produtor ou produtora que realiza eventos como uma festa, uma feira, também aquele que agencia outros artistas, esses agentes podem ser ligados às religiões ou cultos como pessoas da igreja católica que participam de pastorais e realizam as festividades da igreja, povos de terreiro que realizam suas festas de culto aos orixás, cortejos, ou fazem partes de nações⁸, ainda podemos considerar os mestres e mestras trabalhadores da cultura popular, pessoas que trabalham com literatura de cordel,

⁷A definição apresentada foi formulada a partir de leituras, reflexões, interlocuções e entrevistas com outros artistas e produtores.

⁸ As nações são grupos musicais que utilizam instrumentos de percussão como alfaia, tamboril, sarronca, bombo, adufe, etc. No Brasil a principal banda do gênero é a “Nação Zumbi” de Recife-PE, em Natal-RN temos a “Nação Zamberacatu” que realiza cortejos e apresentações pela cidade.

entre outras produções do gênero.

Toda essa gama de possibilidades contempla o que entendo por agente cultural, e se temos essa imensidão de exemplos, podemos nos questionar: mesmo as pessoas que não tenham ligação direta com produção artística ou cultural podem ser consideradas “agentes culturais”? Mesmo pessoas com atuações em outras áreas como saúde, educação, construção civil, etc., podem ser consideradas “agentes culturais”? Sim! Podemos pensar por exemplo uma pessoa que trabalha numa loja de roupas, durante o dia, estuda a noite e aos finais de semana organiza uma batalha de rimas no seu bairro, evento que faz parte da “cultura” hip hop, esses papéis são fluidos, complexos e dinâmicos.

Posta essa definição, meu trabalho se dá através do diálogo e entrevistas com esses agentes culturais que estão nas ruas, nos bares, em casas de show, mas que principalmente tenham relações e uma atuação na Cidade Alta, produzindo, interpretando, atuando, cantando, performando, pitando, entre tantas outras atividades. Minhas observações e análises sobre esse agente se dá pois esses mesmos artistas e produtores para além de suas produções e trabalhos, também estão pensando a Cidade Alta porque a vivenciam, a transformam a cada espetáculo e a disputam a cada novo edital que surge, a cada articulação feita entre si, ou com agentes políticos para realização de novas atividades, esses agentes pensam a cidade a cada novo problema que se apresenta na região, assim o centro histórico se torna um lugar onde trabalhadores da cultura estão circulando, produzindo, refletindo e a todo momento tentando transformá-lo. Como citado anteriormente, as deambulações (Careri, 2017) pela Cidade Alta surgem como metodologia de trabalho, mas minhas interlocuções e entrevistas também vem me trazendo novos elementos de análise sobre a Cidade Alta e os agentes culturais, atualmente estou realizando essas entrevistas e as sistematizando para por em minha dissertação. As perguntas que venho fazendo nas entrevistas são referentes a Cidade Alta, entre elas “O que é esse lugar?”; “Quais suas demandas?” e “O que vai acontecer com este lugar?” e referente aos próprios agentes “o que/quem são?”; “Como se articulam?”; “O que pensam sobre a Cidade Alta?”. Essas são algumas das questões que pretendo buscar respostas.

Ainda relacionado ao tema neste trabalho faço algumas observações acerca das relações e disputas políticas existentes entre esses agentes culturais, neste momento passo a usar a noção de “campo” a partir de Bourdieu (2022) para pensar esses lugares onde esses agentes exercem suas atividades como espaços onde também existem questões de poder envolvidas, onde existem agentes com trabalhos mais consolidados em detrimento de

artistas/produtores que estão tentando se consolidar dentro da produção cultural local, como nos diz Martin (2022, p. 227) “Os desentendimentos e as lutas entre os diferentes grupos dirigentes decorrem, em parte, da distribuição desigual dos poderes e dos recursos” então venho observando também quem consegue com menos dificuldade acessar recursos públicos em detrimento de outros.

Essas relações e disputas também se dão junto aos agentes políticos locais como a Secretaria de Cultura de Natal, vereadores que tem uma atuação mais voltada para o centro histórico ou grupos e associações como a SAMBA (Sociedade de Amigos e Amigas do Beco da Lama) a partir dos locais onde se dão esses processos como audiências públicas, conferências, seminários entre outros espaços políticos institucionais, mas também nas realizações de algumas das festas e eventos na Cidade Alta. Abordar essas relações me possibilitam observar de forma mais aprofundada esse agente cultural no fazer da sua rotina e suas articulações para conseguir produzir, assim fazendo uma etnografia que permita conhecer esses fazedores de cultura mas também uma parte específica da Cidade Alta.

Observar como se articulam e se posicionam os agentes políticos, me dá uma dimensão do que esses agentes pensam sobre a cidade do Natal e os agentes culturais. Que cultura legitimam? Que centro histórico pretendem construir (ou reformar)?. Será que a Cidade Alta pensada pelos agentes políticos é a mesma pensada pelos agentes culturais? Que centro histórico está em debate? Assim se dá o debate na Cidade Alta enquanto um lugar que passa por constantes transformações e problemáticas, em meio a tudo isso, a cultura (e produção cultural) local inserida dentro desse contexto maior.

Antropologia enquanto transcrição, Produção Cultural como transformação

Diante do apresentado venho percorrendo um caminho que me traz reflexões sobre a cultura, a produção cultural e os agentes culturais em Natal a partir da Cidade Alta e como essas atividades artísticas estão relacionadas a construção das subjetividades do centro histórico na capital potiguar nos possibilitando enxergar esse lugar a partir de uma identidade própria, esta, a qual é influenciada por outros elementos como a mobilidade urbana, a arquitetura, urbanismo, mas também por essa produção feita por esses agentes culturais que disputam e recriam constantemente esse bairro a partir de suas atividades.

Em meio a esse cenário, como me posicionar enquanto antropólogo, mas também enquanto público e artista que frequenta e realiza eventos lá? Essas são uma das questões que

estão postas para mim desde o início desta pesquisa, outra reflexão que quero propor é essa relação Antropologia – Produção Cultural, a primeira enquanto ciência do diálogo e da transcrição, onde o dia a dia e as pessoas que o compõem são descritos e “etnografados”, já a segunda como ofício que tem como intenção romper o cotidiano através dos “eventos”. Dessa forma venho discutindo sobre essa cultura “produzida” e pensada pelos agentes culturais locais. Como apontam Clifford e Marcus (2016, p. 53) “a cultura é contestada, temporal e emergente”, então as dinâmicas da cultura e dos fazedores de cultura na Cidade Alta acontecem nesse contexto, assim há de se considerar o caráter fluido da produção cultural local, mas também o caráter contestável de nossas pesquisas etnográficas, segundo Geertz (1978, p. 26) “A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa”, assim meu trabalho admite essa incompletude para analisar o cotidiano dos agentes culturais a partir de suas atividades que são, mais a fundo, atividades de rompimentos do cotidiano, mas também rompimentos com o ciclo histórico de abandono do centro histórico de Natal.

Quando penso neste trabalho, meu campo, interlocutores e essa temática que venho apresentando nessas páginas penso também meu papel enquanto antropólogo nesse contexto. Segundo Clifford e Marcus (1978, p. 50) “qualquer que seja sua forma monológica, dialógica ou polifônica, as etnografias são arranjos hierárquicos de discursos”. Então venho fazendo esse arranjo das interlocuções que estou tendo ao longo desse trabalho de campo. Essa reflexão final trata-se de relacionar o fazer etnográfico com o “fazer cultural”, ora se por um lado estou aqui discutindo nosso papel enquanto antropólogos, trazendo questões e dilemas que caminham conosco em nossas etnografias “como falar sobre tal grupo?”, “Como dialogar com tal agente?”, “O que transcrever?”, “Como transcrever?” Por outro lado, meu trabalho também se refere à fluidez do cotidiano da Cidade Alta e seus agentes, arranjos e rearranjos de subjetividades, essa “teia de significados” como já nos falou Geertz. Então esses agentes culturais (ou fazedores de cultura) vem me colocando como desafio observar esses contextos estando alerta às constantes modificações que eles mesmos realizam no centro histórico de Natal.

Portanto o presente trabalho traz uma investigação sobre a Cidade Alta pensando os agentes culturais que estão inseridos e atuantes nos constantes processos de transformação do bairro histórico em processos políticos para continuarem a produzir e realizar suas atividades, mas essa produção cultural local a qual estou investigando também pode proporcionar a nós antropólogos reflexões que nos ajude a compreender melhor nosso trabalho para que

possamos fazer uma etnografia que além da descrição possa contribuir positivamente nessas transformações dos grupos e locais onde nós estejamos presentes.

Referências

- CARERI, Francesco. Caminhar e Parar. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.
- CLIFFORD, James. Introdução: verdades parciais. In: A escrita da cultura: Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens, 2016. Pág. 31-61.
- FATOS E FOTOS DE NATAL ANTIGA. Praia de Areia Preta. Natal: Fatos e Fotos de Natal Antiga, 2023. Disponível em: <https://fatosefotosdenatalantiga.com/praiade-areia-preta/>. Acesso em: 05 abr. 2024.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978 (1973). Caps. “O impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem”; “Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”; “Notas sobre a briga de galos balinesa”
- Mapa dos bairros e Natal. Mapa dos bairros de Natal. Natal: Guia Rn Cidades do Estado do Rio Grande do Norte, 2024. Disponível em: <https://www.encontrariograndedonorte.com.br/mapas/mapa-bairros-de-natal.htm>. Acesso em: 7 maio 2024.
- MARTIN, Monique de Saint. A noção de campo em Pierre Bourdieu. Brasil: Revista Brasileiro de Sociologia, 2023. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/910/433>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- MIRELLA LOPES. Empresários retiram mais duas linhas de ônibus de circulação em Natal. Natal: Saiba Mais, 2022. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2022/05/empresarios-retiram-mais-duas-linhas-de-onibus-de-circulacao-em-natal/>. Acesso em: 08 maio 2024.
- VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- PARK, Robert Ezra. 1967. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” pp. 25-66, Sérgio Magalhães Santeiro (trad). Em: O fenômeno urbano, Otavio Velho (org). Rio de Janeiro: Guanabara.
- SILVA, Cristina Maria da. Cidades contadas: enunciações, caminhadas e experiências urbanas. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2019.

SEM ASSUNTO. Conheça o Beco da Lama, em Natal - RN. Natal: Sem Etiqueta, 2022.

Disponível em:

<https://www.semassunto.com.br/post/conhe%C3%A7a-o-beco-da-lama-em-natal-rn>. Acesso em: 10 jul. 2024.

TRIANA, Bruna. “Ricardo Rangel e a fotografia moçambicana: arquivos, história e memórias”. Maringá: Edisciplinas Usp, 2018. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7533701/mod_resource/content/1/Bruna%20Triana.pdf. Acesso em: 31 mar. 2023.